

Hermeto Pascoal,  
o bruxo dos sons,  
ganha biografia



PÁGINA 2

Roberto Carvalho  
vai musicar letras  
inéditas de Rita Lee



PÁGINA 3

O talentoso Will  
Santt prepara  
álbum ao vivo



PÁGINA 4

## 2º CADERNO

# Inclusões e explosões de LIMA BARRETO

Obra do escritor é celebrada em debate no CCBB e em livro na Festa Literária das Periferias

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

**E**ternizado como voz crítica dos processos nacionais de exclusão em livros como “Triste Fim de Policarpo Quaresma” (1911), Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) volta a mobilizar debates em diferentes frentes da literatura preocupadas na construção de novos olhares. Às 17h30 desta quarta-feira, a antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz (recém-eleita imortal da Academia Brasileira de Letras) e a ensaísta, crítica e professora da UFRJ Beatriz Resende vão debater a obra do escritor no Clube de Leitura do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ).

No sábado, a Festa Literária das Periferias (Flup) põe à venda o livro o livro “Quilombo do Lima” (ed. Malê), uma antologia de contos produzidos por 22 expoentes da prosa, negras e negros, inspirados na obra de Lima. São novas interpretações de seus escritos.

“Lima Barreto, no seu próprio contexto, definiu a literatura que ele fazia como uma literatura militante”, explica Lilia, ao Cor-

reio da Manhã.

“O sentido que ele dava a esse conceito é que era uma literatura muito vinculada ao seu momento e aos problemas do seu contexto. Lima Barreto era um homem negro que vivia no subúrbio do carioca, tomava o trem da Central do Brasil todos os dias, e é fato que a questão racial aflora como uma espécie de nervo. Um nervo tenso, forte e pulsante da obra desse



Reprodução

**Autor incompreendido em seu tempo, Lima Barreto traz a linguagem das ruas para a literatura brasileira e agora, no século 21, é reconhecido com uma voz inaugural das lutas identitárias**

escritor. Nesse sentido, a obra dele vai sendo revisitada por conta de uma modernidade revivescida.

Ela vai sendo revisitada por conta de questões que são estruturais da nossa sociedade”.

Nesta tarde, no CCBB, Lilia e Beatriz prometem mobilizar o CCBB com uma análise sobre o livro “Contos Completos de Lima Barreto”, concentrando-se nas narrativas curtas criadas pelo autor de “Recordações do escrivão Isaías Caminha (1909) e resgatadas por meio de pesquisa em edições originais, jornais e revistas da época, e mais dezenas de inéditos, retirados de seus manuscritos.

“Nas discussões identitárias de hoje, um romance que a mim encanta enormemente, que é o ‘Clara dos Anjos’, vem sendo lido de maneira muito proveitosa. É um romance que bate fundo principalmente nas jovens mulheres negras, que passaram a dar à leitura do Lima um novo viés”, explica Beatriz Resende. “Só neste século estamos em condição de entender tudo o que era importante em Lima Barreto, uma voz inaugural que só agora é devidamente compreendida e encontra a repercussão devida. Há novas edições críticas de sua obra e, felizmente, novos leitores”.

O colóquio de Lilia e Beatriz, mediado pela poeta, professora e produtora Suzana Vargas, promete um balanço do olhar moderno trazido por Lima para a prosa nacional. “Na biografia, que eu escrevi sobre ele (‘Lima Barreto - Triste isionário’) e nos textos que venho escrevendo, defendo a ideia de que é preciso pensar em modernismos no plural, em outros modernismos, e que Lima era muito moderno. Na linguagem das ruas que utilizava, nos temas que abordava, da maneira como abordava, na inclusão dos diálogos”.

# O artista livre da música sem amarras

Livro sobre Hermeto Pascoal vê como alagoano virou um dos maiores músicos do país

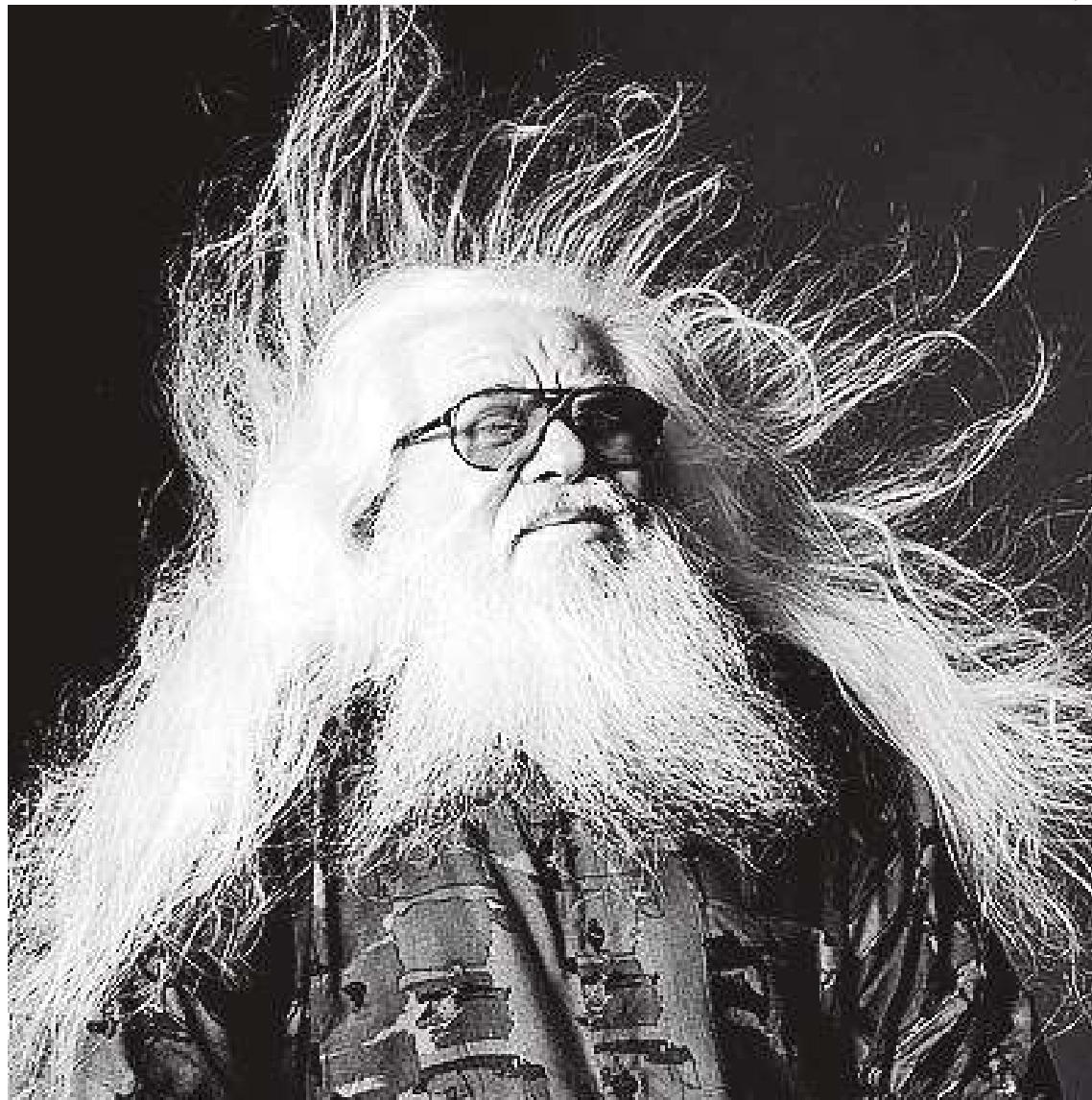
Por André Barcinski (Folhapress)

**D**emorou 88 anos, mas um dos maiores músicos brasileiros de todos os tempos - aliás, do mundo - finalmente ganha uma biografia. Em 15 de maio, sai, pela editora Kuarup, “Quebra Tudo! A Arte Livre de Hermeto Pascoal”, do jornalista Vitor Nuzzi.

Resultado de seis anos de pesquisa e mais de 50 entrevistas, incluindo um longo depoimento do próprio Hermeto, “Quebra Tudo!” conta a saga de um menino albino e estrábico, com problemas de visão e autodidata em música, que nasceu em 1936 em Olho D’Água, pequeno povoado de Lagoa da Canoa, na região de Arapiraca, em Alagoas, para ganhar o mundo com sua música livre e genial.

Célebre por usar, além de instrumentos tradicionais como teclado, flauta e violão, itens inusitados como água, xícaras, sua própria barba e outras bugigangas que inventa e improvisa, Hermeto se comunicava desde criança com o mundo natural, tendo pássaros, peixes e sapos o primeiro público.

Autor do livro sobre Geraldo Vandré, “Uma Canção Interrompida”, finalista do prêmio Jabuti, Nuzzi conta a história de Hermeto desde a infância em Olho D’Água.



Divulgação

**Além dos instrumentos tradicionais, Hermeto Pascoal faz uso de objetos e, até de sua barba, para extrair sonoridades surpreendentes**

“Fui para lá, ainda é um lugar muito ermo”, diz o autor. “Conversei com parentes e pessoas que conheceram Hermeto e a família dele, e as histórias são incríveis. O pai de Hermeto tocava sanfona, mas o menino basicamente aprendeu tudo sozinho. E se Olho D’Água ainda é um lugar isolado hoje em dia, imagina em 1936?”

Nuzzi conta que o sobrenome da família era Da Costa, mas o menino ganhou, no cartório, o nome de Hermeto Pascoal porque o pai se chamava Pascoal da Costa. “Não sei se foi um erro do cartório ou

uma confusão com os nomes”, diz Nuzzi, “mas o fato é que o cartório registrou o nome dele como Hermeto Pascoal. O irmão mais velho de Hermeto, Zé Neto, tem o sobrenome Da Costa”.

## O começo em Recife

Aos 14 anos, Hermeto e Zé Neto, também albino, foram tentar a sorte como músicos em Recife e logo atraíram a atenção de outro gênio musical - e também albino -, Sivuca, que disse sobre Hermeto: “Assim que o vi, percebi que ele tinha dentro dele o fogo sagrado da

música”.

Do Recife, Hermeto foi para o Sudeste, onde tocou em muitas boates e gravou discos no Rio e em São Paulo. Formou vários grupos, sendo um dos mais famosos o Quarteto Novo, ao lado de Airto Moreira, Heraldo do Monte e Theo de Barros.

No Rio, a família se instalou numa casa no então remoto bairro Jabour, na Grande Bangu. A casa logo se tornou um ponto de encontro para músicos e local de experimentação sonora para Hermeto.

Nuzzi acredita que o grande

salto criativo na carreira de Hermeto ocorre na virada dos anos 1960 para os 1970, quando ele passa dois ou três anos nos Estados Unidos, a convite do casal Airto Moreira e Flora Purim e volta com a ideia de libertar cada vez mais a sua música das amarras do comercialismo. “A mudança é nítida”, diz Nuzzi.

“Antes desse período nos Estados Unidos, Hermeto usava cabelo curto, parecia tímido. Lá, ele mergulha no jazz, grava com Miles Davis e outros músicos geniais e retorna transformado. Tanto que, em 1973, de volta ao Brasil, grava um disco absolutamente fundamental, ‘A Música Livre de Hermeto Pascoal’. Ali o Hermeto se encontra”.

## Momentos marcantes

Outros momentos marcantes da carreira do músico no período são, segundo o biógrafo, o show no Festival Internacional de Jazz realizado em 1978, em São Paulo, quando Chick Corea, John McLaughlin e Stan Getz fizeram questão de dar uma “canja”, e o concerto em 1979 no Festival de Montreux, na Suíça, que resultou não só no álbum “Hermeto Pascoal Montreux Ao Vivo”, como numa participação improvisada e antológica com Elis Regina.

Acompanhada apenas por Hermeto ao piano, Elis interpretou três canções clássicas da música brasileira - “Asa Branca”, “Corcovado” e “Garota de Ipanema” - que depois foram incluídas no álbum “Elis Regina: Montreux Jazz Festival”, lançado em março de 1982, logo após a morte da cantora.

“Essa noite com a Elis foi um presente que ganhei da vida”, diz Hermeto. Nuzzi conta que Hermeto foi literalmente empurrado ao palco por Claude Nobs, organizador do Festival de Montreux.

Além de um relato fascinante sobre a criação do universo musical de Hermeto, que resultou em seus memoráveis shows e gravações com sons de animais e da natureza, “Quebra Tudo!” conta a história de vida de um artista que batalhou muito para poder chegar ao estágio de ter total liberdade criativa sobre sua arte.

# O maravilhoso baú da Rita

Roberto Carvalho anuncia que irá musicar letras inéditas encontradas entre os pertences da nossa eterna Rainha do Rock

Reprodução Instagram @ritalee\_oficial

Por **Affonso Nunes**

**R**oberto de Carvalho, músico e viúvo de Rita Lee, irá musicar letras inéditas escritas pela cantora. Uma delas deve sair ainda neste mês de maio, depois de ter seu clipe exibido no Fantástico.

A canção, ainda sem data de divulgação, faz parte do projeto “Bossa n’ Movies”, que Rita não teve tempo de concluir pois lutava contra o câncer que tirou sua vida, mas que teve três músicas gravadas - duas delas com a voz da cantora morta em 9 de maio do ano passado.

“Ainda estou descobrindo o que ela deixou. Tem muita coisa. Dia desses, encontrei um caderno cheio delas”, disse Carvalho, em entrevista à revista Piauí. Uma das novas músicas será “Ego”, que Rita publicou em sua autobiografia de 2016.

Além de um caderno com letras inéditas, Rita também deixou gravações não divulgadas e ensaios em fita cassete.

Com a proximidade do primeiro de morte da rainha do rock, outros projetos vão sendo lançados. A Universal Music, gravadora que detém o catálogo da obra da cantora, por exemplo, disponibilizou para venda uma versão em LP do álbum “Balacobaco” (2003), um dos discos mais representativos da dupla Rita Lee & Roberto de Carvalho. Vinte e um anos após seu lançamento, o disco ganha edição luxuosa: a arte original virou capa gatefold (que se abre como se fosse um livro) e o vinil é duplo; um verde e o outro amarelo, ambos translúcidos e marmorizados.

“O fantástico legado que Rita nos deixou segue proporcionando ao time Universal Music e aos fãs novos motivos e formatos para curtir muito. Estamos lançando agora ‘Balacobaco’ em vinil e em breve virão outros discos clássicos no formato, como ‘Reza’ e ‘A Marca da Zorra’. E uma novidade de fazer



**Rita Lee e Roberto de Carvalho: o músico encontrou letras inéditas da cantora que pretende musicar**

qualquer fã arrepiar: um álbum ao vivo e inédito em vinil”, adianta Paulo Lima, presidente da Universal Music Brasil.

“É comum que se considere os discos dos anos 1980 de Rita Lee & Roberto de Carvalho como os grandes clássicos da dupla. O que é uma injustiça com álbuns como ‘Balacobaco’. O disco, de 2003, é uma síntese perfeita e está entre as joias da coroa de Rita & Roberto”, defende Guilherme Samora, jornalista, editor e estudioso do legado cultural de Rita Lee.

A música que abre o disco, enviada às rádios dias antes do lançamento do então CD, é “Amor e Sexo”, até hoje uma das canções mais tocadas de Rita & Roberto. Instantaneamente, a canção

explodiu, chegando rapidamente ao topo. Para a letra, Rita teve inspiração ao

ler uma crônica de Arnaldo Jabor. Roberto fez a música e os três assinam a composição, que virou até trilha sonora de novela. Com o sucesso da música, “Balacobaco” foi lançado com alta vendagem, já recebendo Disco de Ouro. Poucas semanas depois, veio o Disco de Platina.

Inspiradíssimo, “Balacobaco” reedita uma fórmula que deu certo que é o trabalho em equipe de Rita e Roberto, muso da cariuoquíssima canção “Copacaba Boy” que Rita escreveu para o marido e parceiro de música e vida. A produção do álbum é assinada por Roberto, que também toca guitarra, violões, teclados, piano, cítara e faz vocais. Rita contou em sua autobiografia que esse é um dos discos que eles mais levaram tempo para gravar, sem pressa, uma vez que eles tinham um estúdio só deles.

## Livros sobre a cantora são relançados

Uma homenagem em dose dupla para Rita Lee chega às livrarias e a celebração será nesta quinta-feira (9), a partir das 18h, no Sebo Baratos da Ribeiro (Rua Dezenove de Fevereiro, 90, Botafogo). Lá, serão relançadas duas obras relacionadas à cantora: “Rita Lee Mora ao Lado – Uma Biografia Alucinada da Rainha do Rock”, de Henrique Bartsch com prefácios de Pedro Alexandre Sanches (2006) e Mel Lisboa (2024); e “Discobiografia Mutante”, de Chris Fuscaldo com texto de orelha assinado por Charles Gavin. Além da presença da autora e diretora da Garota FM Books e das filhas de Henrique – Júlia e Bárbara Bartsch – haverá discotecagem com músicas de Rita.

Lançado pela Panda Books em 2006, “Rita Lee Mora ao Lado” não é visto nas lojas desde o falecimento de seu autor, em 2011. Henrique Bartsch não teve a chance de ver o sucesso da história quando ela foi adaptada para o musical “Rita Lee Mora ao Lado”, que estreou em 2014 com Mel Lisboa no papel de Rita. Engenheiro e músico de Ribeirão Preto (SP), “Bart” – como era chamado por Rita Lee – escreveu a biografia da cantora e compositora usando a ficção como recurso. A história da Rainha do Rock é narrada por Bárbara Farniente, uma vizinha invejosa. No texto que escreveu para a orelha do livro, Rita disse que, caso virasse filme, ela gostaria de interpretar Bárbara. Em sua “Autobiografia”, a cantora escreveu que Rita Lee Mora ao Lado é a sua melhor “biografia-lixo”.

A reedição do livro é iniciativa de Bárbara Bartsch, filha de Bart, que na pandemia descobriu as trocas de e-mails que o pai tinha com Chris Fuscaldo, na época jornalista e aspirante a biógrafa dos Mutantes.

A editora também está lançando também a terceira edição do “Discobiografia Mutante”, que estreou em versão bilíngue e foi lançado também nos Estados Unidos e vendido em vários países.

## CORREIO CULTURAL

Marcos Hermes/Divulgação



O Sepultura, em sua atual formação

## Sepultura anuncia novas datas da turnê de despedida no país

O Sepultura anunciou sete novas datas da turnê "Celebrating Life Through Death" pelo Brasil. A banda brasileira de heavy metal mais conhecida no exterior se apresentará no Ceará, no Pará, Brasília, Paraíba, Mato Grosso do Sul e interior de São Paulo nos próximos meses entre 13 de julho e 23 de agosto. Segundo comunicado oficial do grupo, outras datas estão sendo negociadas e serão divulgadas em breve.

Informações sobre venda de ingressos podem ser encontradas no site oficial da banda. Os ingressos variam de R\$ 70 (meia) a R\$ 2.627, variando de acordo com cada tipo de evento e localização.

### Premiação

O prêmio Pulitzer anunciou seus vencedores e entre eles se destaca 'King: a Life', de Jonathan Eig, uma biografia elogiada do ativista pelos direitos civis Martin Luther King e relatos baseados em histórias reais sobre racismo, escravidão e feminicídio.

### Sustentável

O título da Bienal de Arquitetura de Veneza será "Intelligens. Natural. Artificial. Collective". "A exposição será sobre construir um ambiente", diz o curador Carlo Ratti, lembrando que o setor da construção é um dos maiores vilões do efeito estufa.

### Contratação

Protagonista da elogiada série "Cangaço Novo", principal produção brasileira do serviço de streaming Amazon Prime Video, o ator Allan Souza Lima fechou com a Globo. Ele estará no elenco da novela "Mania de Você", de João Emanuel Carneiro.

### Recontratação

A 89ª Vara do Trabalho de São Paulo concedeu uma liminar que obriga a Record a recontratar o jornalista Arnaldo Duran, demitido em dezembro. Para a juíza Daniela Mori, Duran foi desligado por ser portador de uma doença rara.



Will Santt durante a apresentação no Blue Note SP, onde o disco ao vivo foi gravado

# O talentoso Will Santt

## prepara álbum ao vivo

Herdeiro legítimo da tradição bossanovista, artista de 21 anos antecipa o novo trabalho com single que relê 'Rosa Morena', de Dorival Caymmi

Por Affonso Nunes

**N**ovo talento da bossa nova, o cantautor e multi-instrumentista Will Santt lança nesta sexta-feira (10) o single que anuncia a chegada de seu novo álbum, "Will Santt - Meu Caminho Ao vivo no Blue Note SP".

O single escolhido para apresentar o novo projeto, gravado no palco do Blue Note de São Paulo em 9 de fevereiro deste ano, é

"Rosa Morena", clássico de Dorival Caymmi, que ganhou nova versão do jovem músico.

Paulistano de 21 anos e filho de baianos, Will é o que podemos chamar de um improvável herdeiro da linhagem bossanovista de João Gilberto, Tom Jobim e outros mestres. Com um banquinho e violão, Will preenche espaços com uma mão direita que une técnica e emoção e um timbre de voz peculiar, afinadíssimo em tom tipicamente joão-gilbertiano até mesmo na emissão da voz.

Em seus shows, geralmente em atmosferas intimistas, o jovem artista esbanja personalidade e segurança no canto suave e, com seu violão cadenciado, apresenta clássicos da música brasileira e temas autorais de qualidade.

Com admiradores do quilate de Roberto Menescal (com que já dividiu o palco no Blue Note Rio) e do produtor João Marcello Bôscoli, Will Santt traz referências de artistas que revolucionaram a música popular brasileira e as atualiza,

dando ares de contemporaneidade à bossa nova e a canções que o movimento musical resgatou.

Além do mestre Dorival Caymmi, nascido há exatos 110 anos, o novo segundo álbum do artista - o primeiro gravado ao vivo - joga luz na produção autoral do artista, que faz reflexões sobre temas do cotidiano, mas também fala de amor e outras delicadezas. Nove das 10 canções do álbum são de Will Santt, como "Eu Canto pra Você", "Quando Chover", "Lamento de Deus", "Meu Caminho" e a inédita "Anil Divinil".

Assim como o single, o novo álbum é um lançamento do selo Blue Stage, fruto da parceria do Blue Note com a Musickeria, e chega às plataformas em 24 de maio. Antes disso, no dia 19 deste mês, Will Santt voltará ao palco do Blue Note SP para o show de lançamento.

A partir do mês de julho, Will Santt embarca para mais uma turnê por vários países europeus, incluindo Portugal, Espanha, Itália, França, Inglaterra e Bulgária.

Divulgação



O quarto exemplar da franquia de filmes de ação *The Roundup* atrai olhares para o coreano Don Lee, pugilista e dono de academia de boxe em Seul, em Hollywood

# O John Wick da Coreia do Sul

Don Lee se firma como divo no cinema de ação com o sucesso da franquia 'The Roundup'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**O** inesperado êxito comercial de "Beekpeer" em janeiro e a recente estreia (cercada de holofotes) de

"O Dublê" provam que o cinema de ação ainda pode ser a maior diversão, com destaque para atrações que furam a bolha de Hollywood e chegam de outras latitudes, como é o caso do thriller "The Roundup: Punishment".

Os US\$ 30 milhões que arrecadou em sua terra natal, a Coreia do Sul, são apenas parte do faturamento do longa-metragem, que acaba de estreiar nos EUA. Sua primeira projeção mundial aconteceu no encerramento do Festival de Berlim, em fevereiro. Seu protagonista é o pugilista e dono de ginásio de boxe Ma Dong-seok, hoje mais conhecido pela alcunha de Don Lee.

Aos 53 anos, ele atraiu as atenções da crítica com "Invasão

Zumbi", em 2016, mas foi na trilha da pancadaria que virou um dos mais bem-sucedidos campeões de bilheteira da Ásia. Foi no papel do detetive brucutu Ma Seok-do que o ator virou uma espécie de Dirty Harry da Coreia do Sul.

Em 2017, o personagem surgiu na franquia de ação "The Roundup", baseada em episódios reais das páginas policiais asiáticas. Os três longas da saga lançados até agora já arrecadaram US\$ 236 milhões em circuito mundial. "Sou fã de Sylvester Stallone, tenho Rocky Balboa entre meus personagens favoritos e sinto muito orgulho quando alguém associa o que eu faço ao cinema praticado por ele", disse

**“** Sou fã de Sylvester Stallone e sinto orgulho quando alguém associa o que eu faço a ele”

Don Lee

Don Lee ao Correio da Manhã na Berlinale.

"Os dois títulos mais recentes da nossa franquia foram vistos por cerca de 10 milhões de pagantes, cada um, na Coreia, mas fizemos o título mais recente ainda sob impacto da covid-19,

num esforço de elevar a frequência do público. Eu respeito todas as formas de produção audiovisual e sei que o K-Pop e as séries para streaming são fundamentais para tornar nossa indústria conhecida, mas o que eu quero é poder levar entretenimento para a sala de cinema. Meu empenho é divertir espectadores e encher salas".

Embora o Festival de Berlim tenha exibido ensaios em tons pop sobre a violência em anos recentes – caso de "Logan", em 2017, e de "Tempo de Caça", em 2020 -, é curioso ver o mais politizado dos eventos cinematográficos do Velho Mundo flertar com o cinemão de gênero pela mais patrulhada das vias: os thrillers de pancadaria. Em seu novo filme, dirigido por Heo Myeong Haeng (um dublê e cineasta estreado), Ma Seok-do (Lee) bate pesado numa quadrilha de jogo ilegal online. Na trama, um sistema eletrônico ilícito alimenta uma jornada do detetive mais brutal da Coreia ao submundo. Curiosidade: ele nem usa pistolas, só apela para os punhos.

"Lutei boxe por muito tempo e me empenhei em valorizar minha condição física", disse Lee, que trabalhou sob a grife da Marvel Studios em "Eternos" (2021), de Chloé Zhao, no qual vive o herói Gilgamesh.

Nos EUA, Seok-do já atraiu seu fã-clube, amparado em sua vertiginosa engenharia de edição e de cinematografia. Os títulos anteriores dessa cinessérie desafiam as leis da gravidade, num padrão "John Wick" de excelência. "Admiro muito o que o diretor Chad Stahelski foi capaz de fazer na realização de 'John Wick'. O que eu almejo no registro da ação é alcançar o máximo de realismo e oferecer ao público tramas que dialogam com fatos reais das crônicas policiais da Coreia", disse Lee, que brilhou na telona de Cannes à frente do suspense "The Gangster, The Cop, The Devil" em 2019. "Tenho interesse em diversificar meu currículo. Espero um dia trabalhar em outros gêneros".

# 'Milei delira sobre indústria do cinema argentino'

Expoente do audiovisual argentino, a diretora Lucrecia Martel questiona ofensiva do governo de seu país contra o setor

Por Carlos Villela (Folhapress)

**L**ucrecia Martel está à vontade no interior. “Nunca tive boas conversas sobre cinema em grandes festivais”, diz a cineasta argentina, homenageada no 15º Festival Internacional de Cinema da Fronteira em Bagé, a 370 km de Porto Alegre. “Nos festivais pequenos, se encontram os seres humanos”.

Artista querida em Cannes e Veneza, onde presidiu o júri do festival de 2019, Martel detesta o estresse do tapete vermelho e as interações com executivos. “A eles não interessava o que eu tinha a dizer, e nem a mim interessava o que eles tinham a dizer”.

A diretora passou quatro dias em Bagé, entre 23 e 27 de abril, e nesse tempo deu uma aula magna, percorreu pontos culturais da cidade e conversou com moradores do pampa.

O isolamento de uma cidade fronteiriça lhe é familiar. Natural de Salta, na divisa com a Bolívia e o Chile, a cineasta fez de sua terra natal o cenário dos seus três primeiros longas, “O Pântano” (2001), “A Menina Santa” (2004) e “A Mulher sem Cabeça” (2008).

“As metrópoles latino-americanas são as que concentram os pressupostos de cultura, instituições, os canais de televisão. Esse desenvolvimento regional tão desigual é parte dos problemas que temos.”



Ricardo Delgado/CCBB

**Lucrecia Martel diz preferir os festivais de cinema menores a eventos grandiosos como a Berlinale, Veneza e Cannes**

A dominação cultural e a relação de classes são temas constantes em seu trabalho. “Zama”, de 2017, volta ao século 18 para abordar as raízes do colonialismo na Argentina. Seu trabalho mais recente, “Chocobar”, ainda inédito, é um documentário sobre o líder indígena Javier Chocobar, assassinado em 2009 a mando de fazendeiros contra quem sua comunidade tinha uma disputa de terras.

“Não vamos remediar nossos problemas profundos se não compreendermos que há uma população sobre a qual seguimos sustentando um conceito de ideias de desqualificação, com o único propósito de mercantilizar seu tempo e espaço”, diz.

## Pagando o preço

Para a diretora, a desvalorização de culturas indígenas da América Latina em historiografias cobra seu preço na hora de lidar com crises modernas. “O desenvolvimento econômico industrial nos está levando a um abismo

iminente. Que nesse ano tenha tido 60 graus no Rio de Janeiro é um sinal inequívoco”.

A resposta para esse abismo pode estar no modo de vida de outras sociedades. “A reserva de informações que há em culturas não ocidentais do nosso continente pode conter conhecimentos que nos ajude a sair dessa situação”, afirma.

Em Bagé, o prêmio foi para “A Transformação de Canuto”, de Ariel Kuaray Ortega e Ernesto de Carvalho, que se passa na comunidade guarani Tekoá Tamanduá, na divisa do Brasil com a Argentina. “Me preocupa que não tenhamos curiosidade pelo que nos rodeia, e dentre o que nos rodeia estão os povos indígenas”, diz. “Para não ser cruel, para não ser bruto, não é preciso ser bom. É preciso ter curiosidade”, adverte a cineasta.

Em paralelo, Martel acompanha o que acontece no INCAA, o Instituto Nacional de Cinema e Artes Audiovisuais. O órgão de fomento e promoção cultural argentino é

alvo do presidente Javier Milei, que ordenou sua reformulação após recuar da tentativa de extingui-lo. Em abril, o instituto teve a maioria das atividades interrompidas por um prazo de 90 dias.

“Este homem está analisando as coisas de uma maneira estranha. Ele acredita que toda a indústria cultural é fruto de políticas das forças opositoras a ele, que são fundamentalmente o kirchnerismo. É delirante a situação”, diz.

Ela chama a lógica de autorregulação do mercado de Milei de ingênua, e critica as credenciais da equipe econômica para conduzir uma reforma estrutural. “Meu maior problema com esse governo é que se são todos tão espertos, tão inteligentes e sabem tanto de economia, em vez de destruir coisas que são prováveis indústrias e fontes de trabalho, por que não saná-los?”, pergunta. “O INCAA não funciona bem. Tem que melhorar? Sim. Tem que fechar? Não.”

## Refletir sobre o passado

Entretanto, Martel diz que é preciso se questionar o que houve nos últimos 20 anos na Argentina para que uma “figura messiânica” como Milei tenha surgido. “É fácil tirar sarro de Milei por seu cachorro e pelo que ele faz, mas não é tão fácil compreender que chegamos a isto por um descontrole no manejo do dinheiro público e um debilitamento das instituições.”

Apesar de estar próxima do discurso de governos anteriores, ela conta que tem interesse sincero em conversar com quem elegeu Milei. “Não sou da ideia de que tem que se cancelar os libertários. Desejo falar com as pessoas que estão imaginando um país a partir deste novo governo, porque me parece que desconhecem os esforços que temos feito na cultura para avançar.”

Para Martel, o ataque do presidente ao INCAA também torna a produção argentina ainda mais vulnerável na competição com a indústria cinematográfica dos Estados Unidos, dificultando o espaço em salas de cinema ou a taxa de produções americanas.

“O livre mercado é livre somente para quem o domina”, opina. “É tão brutal ter sido uma colônia e não deixar de sê-lo, que isso se manifesta não somente na cultura, se manifesta na nossa economia”.

A cineasta defende uma união maior entre os países da América Latina. “O que temos que tentar remediar para o futuro é ter uma memória em comum”, diz. Para isso, deseja colaborar na construção de uma comunidade, a partir do cinema e da participação em festivais regionais. “A essa altura da minha vida, a única coisa que quero é ser útil.”

Baile do Viaduto Negrão de Lima completa 34 anos e espaço ganha intervenções de grafiteiros transformando o local num museu de arte urbana a céu aberto



*Referência da cultura black, o Baile Charme é realizado no Viaduto de Madureira há mais de três décadas e foi considerado patrimônio imaterial da cidade*

# Madureira balança no ritmo do charme

**N**o próximo sábado (11), a partir das 22h, acontece a festa de aniversário de 34 anos do Baile de Charme do Viaduto de Madureira. O evento terá novidades como o Museu da Negritude Urbana, além de muito som com os DJs Michell, Fernandinho, Vig, Gab e Guto. E também vai receber a DJ Tamy como convidada. Além de muitas mixagens, haverá apresentação de dança (com frequentadores do baile) e muitas surpresas.

O Baile do Viaduto de Madureira é o maior baile charme do Brasil há mais de 33 anos. Acontece no “Espaço Cultural Rio Hip Hop Charme” periodicamente todos os sábados a partir das 22h, embaixo do Viaduto Negrão de Lima.

O baile tem os seus DJs residentes e sempre recebe DJs convidados e atrações diversas em datas especiais, com preços populares e mantém o valor baixo de entrada mesmo em bailes especiais com grandes atrações.

O baile do Viaduto não é só tradicional na zona norte do Rio. Desde fevereiro de 2013, se tornou patrimônio imaterial da cidade do Rio de Janeiro, e faz parte de toda cultura black dentro e fora do estado. Tem presen-

ça forte na construção da identidade negra, seja pela dança, pelo estilo, ou pela atitude.

Além de eventos semanais e premiações, o espaço já recebeu diversas atrações internacionais e nacionais: Chingy, Montell Jordan, Darrius, RahDigga, Negra Li, Quelynah, Nina Black, Sampa Crew, Dughettu, Sandra de Sá, Racionais MCs, Rappin Hood, Keith Sweat e muitos outros. Oferece também oportunidades para novos talentos musi-

cais voltados para Black Music e frequentado por nomes do meio artístico. Responsável por uma grande festa anual do “Dia da Consciência Negra” e constantemente realizando eventos sociais.

Emblemático espaço de cultura negra e urbana do Rio de Janeiro, o Viaduto de Madureira está prestes a se transformar em um “museu vivo” graças ao Projeto Zona de Arte Urbana (ZAU). Criado em 2023, o ZAU foca

em ações artísticas e educativas por meio do grafite. Idealizado pelo grafiteiro Airá Ocespo, a revitalização marcará os 34 anos do Viaduto e contará a história da Black Music brasileira tanto na parte externa quanto interna. Além de Airá, outros quatro artistas participam da ação, entre eles Amora, Agarte, Cety e Seon.

O charme é um ritmo que vem da Black Music americana. Contudo, os bailes-charme e suas manifestações têm origem

na Zona Norte do Rio. O termo “Charme” foi cunhado pelo DJ Corello em um baile no clube Mackenzie, nos anos 1980, localizado no Méier. Antes de chegar em Madureira, em 1990, o Charme circulou e ganhou fama em bairros como Marechal Hermes e Abolição.

A concepção artística dos grafites segue uma linha histórica, contando a história da música negra, do charme e do baile do viaduto, além de abordar aspectos da negritude urbana carioca. “A revitalização visual do Viaduto de Madureira é de suma importância para criar um espaço de memória da negritude urbana carioca, exibindo nas paredes do local os marcos históricos que permeiam as origens das pessoas que ali frequentam e das culturas que o Viaduto abriga, no sentido de fortalecer o sentimento de identidade e pertencimento”, comenta Airá Ocespo.

## SERVIÇO

BAILE CHARME DO VIADUTO DE MADUREIRA

Viaduto Negrão de Lima - Madureira.

11/5, a partir das 22h

Ingressos antecipados: R\$ 20

Cia de Artes EM Criação realiza vernissage de um projeto de mulheres no Museu da Maré

**A**firmar a potência do protagonismo feminino, dando foco à temas que atravessam as diversas camadas relacionadas à ser mulher: essa é a proposta do projeto “Foco Tátil Delas”, realizado pela Cia de Artes EM Criação no Museu da Maré, contemplado no edital “Conexões Urbanas” da Secretaria de Estado de Cultura do Estado do Rio.

A partir de uma imersão com mulheres artistas atuantes na Maré, criaram coletivamente uma obra visual, direcionadas por Alexandra Arakawa e Manu Castilho, idealizadoras e diretoras do projeto.

No próximo dia 25 de maio, acontece a vernissage desta obra, que está em fase final de produção. O evento de abertura da exposição do mural tátil terá apresentação de uma performance, que dará origem a uma videoarte que será lançada posteriormente na internet.

Já no dia 26, será promovida uma roda de conversa com as artistas, e tem como tema ‘Corpos Femininos’. Todo o evento é gratuito e aberto ao público.

Este projeto pretende dar foco e voz às mulheres. Trazer à tona um tema que precisa ser repensado socialmente e despertar no público o olhar e o reconhecimento dos privilégios masculinos e dos conceitos estruturais enraizados socialmente.

“Vivemos num mundo de padrões masculinos eurocêtricos de destaque em todos os setores da sociedade. Sendo extrema-



Ale Barbosa trabalha na confecção do mural tátil que a Cia de Artes Em Criação vai exibir no Museu da Maré

# Protagonismo feminino para a posteridade

“A intenção principal é ampliar essa reflexão acerca do machismo e do patriarcado na sociedade, que é machista e transfóbica”

Alexandra Arakawa

mente importante falar de forma mais abrangente, sobre as diversas camadas étnicas e de gênero existentes. A intenção principal é ampliar essa reflexão acerca do machismo e do patriarcado na sociedade, que é essencialmente machista e transfóbica”, explica Alexandra Arakawa, idealizadora e diretora artística do projeto.

“Ao longo das discussões, experimentações e pesquisas refletimos sobre o papel social da mulher, as opressões que sofremos - e que já estão naturalizadas-, mas principalmente como potenciali-

zar o protagonismo feminino. A partir destas vivências cada artista deixa sua marca no projeto”, pontua Manu Castilho, que também é idealizadora do projeto.

A acessibilidade é outro ponto importante do projeto. As artes visuais não são acessíveis a pessoas cegas e com baixa visão, por esse motivo foi priorizada a acessibilidade para este público. O mural é visual e palpável. Sua proposta artística integra recursos acessíveis na própria obra, criada e executada com relevos e textos com descrição em braille.

Além da criação da plataforma com os arquivos de audiodescrição das imagens e de todo conteúdo do projeto.

## SERVIÇO

**FOCO TÁTIL DELAS**  
Museu da Maré (Rua Guilherme Maxwel, 26)  
25/5, a partir das 19h, vernissage com apresentação do mural tátil, performance e show  
26/5, às 14h, roda de conversa com o tema Corpos Femininos | Entrada franca